



## **Mediatização e a circulação discursiva do impeachment de Dilma Rousseff <sup>1</sup>**

### **Mediatization and the discursive circulation of Dilma Rousseff's impeachment**

Marcelo Igor de Souza

**Palavras-chave:** Mediatização; Comunicação e Política; Impeachment; Dilma Rousseff

Este artigo realiza um trabalho descritivo e analítico sobre as ações comunicacionais no processo de deposição de Dilma Rousseff em seu segundo mandato, iniciado em janeiro de 2015, amplificado com o pedido de impeachment pelo Congresso, em dezembro desse mesmo ano. Em 2016, a mobilização dos grupos organizados em rede e de partidos de oposição e encaminha para saída definitiva de Dilma, em agosto. No período selecionado, a proposta metodológica é apresentar casos divididos em circuitos elucidativos que se estruturam em vista de inferências comunicacionais no caso empírico selecionado.

#### **A construção do impeachment**

Entre muitos pedidos de impeachment durante o ano de 2015, em setembro foi entregue aquele que seria aceito pelo presidente da Câmara Eduardo Cunha (PMDB), em dezembro do mesmo ano, após o Partido dos Trabalhadores ter definido posicionamento favorável ao prosseguimento da cassação do mandato de Cunha, em 2

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao III Seminário Internacional de Pesquisas em Mediatização e Processos Sociais. PPGCC-Unisinos. São Leopoldo, RS – 6 a 10 de maio de 2019.



## III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

---

---

de dezembro.<sup>2</sup> Antes desse pedido, houve a divulgação do parecer do Tribunal de Contas da União sobre as contas do Governo e das “pedaladas fiscais”, o que foi juntado ao pedido. Desse modo, o fim de 2015 e o início ano de 2016 formam um período crucial para o Governo Dilma. O pedido de impeachment aceito passa, então, pela comissão e pelo Plenário na Câmara e segue para o Senado. O Governo sustenta o discurso de Golpe pela não identificação de crime no processo, mas a votação no Senado aprova o afastamento em 12 de maio de 2016, quando Dilma Rousseff é substituída pelo vice Michel Temer, que assume políticas de austeridade e de viés neoliberal na economia. O pemedebista assume definitivamente em agosto, após a decisão final no Senado Federal.

Fausto Neto (2016b) descreve esse período de processo de impeachment com o significativo “sangramento”, um enfraquecimento para inviabilizar o Governo, deixá-lo sem condições. O termo foi utilizado em relação ao caso pela primeira vez pelo Senador Aloysio Nunes Ferreira (PSDB-SP).<sup>3</sup> A dinâmica circulatória segue intensificada com o reforço da imprensa, nos editoriais (FAUSTO NETO, 2017) e nas capas das revistas semanais (FAUSTO NETO, 2016a), por exemplo. E ainda pela classe política e em protestos de rua.

São diversas estratégias na construção do discurso do impeachment de Dilma Rousseff. Antes mesmo da votação do pedido de impeachment na Câmara, a revista semanal *Veja* já estampa em sua capa: “Fora do Baralho”, em que mostra uma foto de Dilma com rasgões, como se tivesse desfigurada (Figura 1). O rosto que nem aparece

---

<sup>2</sup> Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2015/12/1713918-bancada-petista-decide-votar-contracunha-no-conselho-de-etica-da-camara.shtml>.

<sup>3</sup> Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/valor/2015/03/09/nao-queiro-o-impeachment-queiro-ver-a-dilma-sangrar-diz-tucano.htm>.



## III Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

por completo na capa de *Veja* demonstra o apagamento de Dilma decretado pela imprensa. Se o significante inicial é o “sangramento”, o significante final é “Tchau, querida”, um termo proferido pelo ex-presidente Lula numa ligação com Dilma grampeada pela operação Lava Jato e divulgada pelo juiz federal do caso Sérgio Moro.

Figura 1 – Capa da Revista *Veja* de 20 de abril de 2016



Fonte: Revista *Veja* Online. <sup>4</sup>

Na disputa de sentidos, as manifestações são apenas passeatas e com um tom pacífico, um evento familiar. Para referendar que o grupo estava com a ordem, o policial vira ente com o qual se tira fotos. Tal registro indica o corpo que os protestos ganham de ressignificação da qualidade de manifestação, os personagens são aliados da polícia. Não podemos ignorar um fascismo incubado em algumas frentes dessas

---

<sup>4</sup> Mesmo datada de 20 de abril, a revista foi lançada de forma antecipada. Disponível em: [http://portalimprensa.com.br/noticias/ultimas\\_noticias/76824/veja+antecipa+edicao+e+diz+que+dilma+rousseff+e+carta+fora+do+baralho](http://portalimprensa.com.br/noticias/ultimas_noticias/76824/veja+antecipa+edicao+e+diz+que+dilma+rousseff+e+carta+fora+do+baralho).



## III Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

---

manifestações, em que indivíduos representantes de um nacionalismo exacerbado estão presentes. O discurso já se diluía num indicativo de impeachment, mas havia também pedidos de renúncia, além de, em menor grau, alguns pedidos de intervenção militar. A impressão de insatisfação era de que precisava ser feito algo. Em análise sobre tais protestos, Bucci (2016) resume:

Como cena política, a confraternização não tinha graça nenhuma, suspense nenhum, emoção nenhuma; mas causou um estrago definitivo. Isso porque, embora fosse a favor da hierarquia da sociedade de classes, dos códigos ordenadores do espaço urbano, ela mostrou que a classe média queria Dilma bem longe do Palácio da Alvorada. (BUCCI, 2016, p. 156).

As redes sociais contam com grande volume de mobilizações contra o Governo, com #foradilma e #Impeachment no *Twitter* (MORAES; QUADROS, 2016).

Grupos gestados nas redes e os interessados em uma possível desestabilização e queda do Governo se unem. Os atos não tinham uma centralidade num palanque, como comumente fazem os sindicatos e grupos de esquerda. Os números de presentes eram dignos de mais interesse que eventuais discursos: “um milhão, dois milhões, três milhões...”. O volume também pode ser visto na realidade social de conexão, quando comparados os anos de 2013 e 2015. O caráter da rede de compartilhamento em grupos por proximidade em detrimento de *timeline* pode ser uma explicação para o favorecimento das bolhas, como a da disseminação do antipetismo, que se torna eixo do engajamento dos vários grupos protagonistas das redes.

O discurso midiático também corrobora para a construção da semiótica transparecida, em que: “a responsabilidade do PT e do governo foi amplificada e a da oposição diminuída”. (Avritzer, 2016. p. 107). Ou seja, na guerra de operações de sentido, tanto as instituições (governo e partido) quanto os atores (Dilma Rousseff e membros do Governo e do partido) são relacionados como figuras impopulares e malquistas, tendo o respaldo nas ruas e nas mídias tradicionais. Mas a pior parte da questão é que o Governo acumulava derrota dos dois lados, seja no espectro da direita ou no espectro da esquerda:



## III Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

---

---

[Dilma]perdia com as duas fórmulas. Os que diziam apoiar seu governo queriam quebrar a coluna vertebral de seu governo: a política econômica. Os que diziam querer derrubar seu governo queriam manter a política econômica que ela até tentou implementar, mas não conseguiu de jeito nenhum. (BUCCI, 2016. p. 151)

A polarização política é muito visível como fruto ingrato da diversidade alcançada no campo da participação social. Ou seja, a esquerda acostumada ao ambiente de participação e discussão de políticas públicas recebe a direita<sup>5</sup> e o espaço da esfera pública se converte em lugar de pugna. “Ocorreu o fim de um longo período que vai de 1964 a 2013, no qual a direita brasileira renunciou à mobilização popular”. (AVRITZER, 2016. p. 128). A reconfiguração da mobilização acontecia diante de um fluxo mais intenso de formas de ações a partir das redes.

### **Circuitos comunicacionais**

São escolhidos, a partir da perspectiva apresentada, quatro circuitos comunicacionais em sua complexidade e expressão midiáticas: a) *a disputa de significados Golpe vs Impeachment*; b) *a circulação da saudação “Tchau, querida”*; c) *o papel da imprensa tradicional na circulação do processo*; d) *a delimitação nós/eles nas interações*. Tais delimitações não esgotam o tema, mas representam uma significativa tentativa de localização da temática proposta e expõem o papel da disputa discursiva que transparece elementos da disputa política em questão. A sentença do impeachment faz parte de um processo de gestão complexa, com operações enunciativas de produção de sentido construída mediante fluxos dos diversos campos sociais.

---

<sup>5</sup> Obviamente, os espectros “direita” e “esquerda” não têm uma divisão simplória e orgânica. O uso aqui é apenas para contextualizar a polarização.



## III Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

---

---

Escolhe-se a mediação como sustentação teórica, a partir das inferências dos circuitos, em seus aspectos comunicacionais. Desse modo, coloca-se a mediação da política como eixo, com destaque para a realidade dos usos e das apropriações das tecnologias da internet e das redes sociais, bem como para o conceito de circulação como marca desta processualidade de atividades, de meios e de operações comunicacionais. A análise e o tensionamento dos quatro circuitos comunicacionais serão apresentados na versão final deste artigo.

O período de processo de impeachment pode ser sintetizado no significativo “sangramento”, um enfraquecimento para inviabilizar ações. As inferências apontam que o caminho do impeachment se torna sustentável, a partir das construções simbólicas do âmbito da mediação. Pela análise, o processo demonstra a disputa de protagonismos. A operação de sentido da expressão “Tchau Querida”, por exemplo, do ponto de vista da circulação na mediação, percorre as diversas instâncias da sociedade. Pertencente ao campo jurídico, pois se tratava de uma gravação grampeada, o áudio perde o sigilo, mesmo sendo uma ligação da presidenta da República. O termo passa a ser utilizado, nas redes sociais, por críticos, fazendo a ligação com a saída de Dilma do cargo. A expressão chega a ocupar a capa de revistas e obteve até a *hashtag* #tchauqueridaday como termo mais utilizado mundialmente no *Twitter*.

De outro lado, o percurso do impeachment conta, também, com apoio da imprensa tradicional, que, nos seus editoriais, nas suas capas e nas manchetes, expõe a insustentabilidade do Governo e a falta de condições de permanência de Dilma, conferindo um papel de destaque no andamento do processo. A imprensa se mobiliza em ações políticas. Num período final, nas disputas de significados, a apropriação do termo “golpe” pelo Governo já tinha um caráter de tentativa de registro histórico, uma demarcação de um discurso e de uma versão persecutória.

Desse modo, conclui-se que o acontecimento “Impeachment de Dilma” é construído sob o cruzamento da circulação de discursos, numa articulação que mobiliza



## III Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

---

---

diversos campos na sociedade. Indica-se que, a partir dos circuitos construídos, fica visível que o período é de impactos da midiatização no cruzamento de estratégias comunicacionais de diferentes natureza, origem e tendências. O impeachment como construção é gestado no ambiente midiatizado e as práticas sociais, como as políticas e as jurídicas, por exemplo, são trabalhadas em termos de construções discursivas na esfera da midiatização, com destaque para a internet e redes sociais.

### Referências bibliográficas

- AB'SABER, T. **Dilma Rousseff e o ódio político**. São Paulo: Hedra, 2015.
- BUCCI, E. **A forma bruta dos protestos: Das manifestações de junho de 2013 à queda de Dilma Rousseff em 2016**. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. 176 p.
- FAUSTO NETO, A. “Tchau, querida”: leitura do impeachment-revista. **Animus. Revista Interamericana de Comunicação Midiática**, v. 15, n. 30, 2016c. p. 62-81.
- FAUSTO NETO, A. “Fora, Dilma”, “Jô Soares, Morra”: Inspecionismos midiáticos e dos atores sociais. In: CASTRO, P. C. (Org.). **Vigiar a vigilância: uma questão de saberes**. Maceió: Edufal, 2016b. p. 99-122.
- FAUSTO NETO, A. Dos circuitos à sentença: o impeachment de Dilma Rousseff no espaço da circulação midiatizada. **Revista Inmediaciones de la Comunicación**, Montevideu, v. n. 11, p. 97-111, 2016a.
- FAUSTO NETO, A. A circulação do impeachment: do artigo de fundo à página virada. In: P. C. Castro (org.), **A circulação discursiva: entre produção e reconhecimento**. Maceió: Edufal, 2017
- MORAES, T. P. B; QUADROS, D. G. A crise do Governo Dilma Rousseff em 140 caracteres no Twitter: Do #impeachment ao #foradilma. **Em Debate**, Belo Horizonte, v. 8, n.1, mar, p. 14-21, 2016.